

# Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

## Resumo

Tentativa franca de abordar a questão do estilo de vida homossexual e sua possível imoralidade. Publicado anteriormente em *Hard Questions, Real Answers* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2003) [em português, *Apologética para questões difíceis da vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010)]. Dados médicos atualizados pelo Dr. Peter May, MRCGP, 2019.

Texto original disponível na íntegra em:

</writings/popular-writings/practical-issues/a-christian-perspective-on-homosexuality/>

Um dos assuntos mais voláteis e importantes que a igreja enfrenta hoje é a questão da homossexualidade como estilo de vida alternativo. A igreja não pode se desviar da questão. A colisão entre interesses LGBT e liberdade religiosa, exemplificada no caso do confeitiro do Colorado que se recusou, com base na consciência, a preparar um bolo de casamento carregando uma mensagem de endosso ao casamento de pessoas do mesmo sexo, além da redefinição de “casamento” feita pela Suprema Corte americana para incluir uniões de pessoas do mesmo sexo, empurraram a questão para lugar de destaque na cultura americana.

Cristãos que negam a legitimidade do estilo de vida homossexual são rotineiramente denunciados como homofóbicos, intolerantes e até odiosos. Há, portanto, enorme intimidação em relação ao assunto. Algumas igrejas se afastaram da posição cristã histórica, endossando o estilo de vida homossexual e até mesmo ordenando quem o pratica para servir como seus ministros.

A mudança não ocorre apenas em igrejas liberais. *Evangelicals Concerned* [Evangélicos Engajados] é um grupo de pessoas que, ao que tudo aparenta, são cristãos nascidos de novo e crentes na Bíblia, mas também homossexuais praticantes. Alegam que a Bíblia não proíbe a atividade homossexual ou que seus mandamentos não são válidos hoje, tratando-se apenas de reflexo da cultura em que a Bíblia foi escrita. Tais pessoas podem ser ortodoxas no que diz respeito a Jesus e todas as demais áreas da doutrina cristã, mas pensam ser biblicamente permissível viver como homossexual praticante. Recordo ter ouvido um estudioso de Novo Testamento, num simpósio acadêmico, relatar a seguinte história de sua palestra em um dos encontros desse grupo:

“O pessoal estava bem preocupado com o que você ia dizer”, seu anfitrião lhe falou em sinal de alívio, após o encontro.

“Por quê?”, perguntou ele surpreso. “Você sabe que não sou homofóbico!”

“Ah, não, essa não era a preocupação”, assegurou-lhe o anfitrião. “Tinham receio que você fosse histórico-crítico demais!”

Então, quem somos nós para dizer que esses cristãos aparentemente sérios estejam errados?

Pois bem, esta é uma pergunta *muito* boa. Quem somos nós para dizer que estejam errados? No entanto, esta pergunta suscita uma questão ainda mais profunda, que precisamos responder primeiro: certo e errado realmente existem? Antes de determinar *o que* é certo e errado, deve-se saber que realmente *existe* certo e errado.

### Em busca do fundamento para o certo e o errado

Pois bem, qual é o fundamento para dizer que certo e errado existem, que há mesmo uma diferença entre os dois? Tradicionalmente, a resposta é que valores morais se fundamentam em Deus. Deus é, por sua própria natureza, perfeitamente santo e bom. Ele é justo, amoroso, paciente, misericordioso, generoso — tudo que é bom vem dele e reflete seu caráter. Ora, a natureza perfeitamente boa de Deus se expressa para conosco na forma de mandamentos morais, que constituem nossos deveres morais. Por exemplo: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo teu coração, entendimento e força”; “Amarás teu próximo como a ti mesmo”; “Não matarás, não roubarás, não adulterarás”. Tais ações são certas ou erradas com base nos mandamentos de Deus, e os mandamentos de Deus não são arbitrários, mas fluem de sua natureza perfeita.

Este é o entendimento cristão de certo e errado. Existe, de fato, o ser divino, que criou o mundo e se lhe fez conhecido. Ele realmente ordenou certas coisas. Nós somos, de fato, moralmente obrigados a fazer certas coisas (e não fazer outras). Moralidade não está apenas na nossa mente. Ela é real. Quando não conseguimos guardar os mandamentos divinos, somos, de fato, moralmente culpados diante dele e necessitamos de seu perdão.

O problema não é apenas que nos *sintamos* culpados; *somos* mesmo culpados, independentemente do nosso sentimento. Talvez não me *sinta* culpado porque tenho consciência insensível, embotada pelo pecado; porém, se quebrei a lei de Deus, *sou* culpado, independentemente do que sinta.

Assim, por exemplo, se os nazistas tivessem ganhado a Segunda Guerra Mundial e tivessem tido êxito em fazer lavagem cerebral ou em exterminar todos que discordassem deles, de modo que todos pensassem que o Holocausto foi bom, ainda assim teria sido errado, pois Deus diz que é